

ARCE. Alessandra. *A pedagogia na “era das revoluções”*: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 230 p.

Diane Valdez*

A obra *A pedagogia na “era das revoluções”* apresenta resultados de uma pesquisa de doutorado em educação escolar – Unesp/Araraquara – de Alessandra Arce, que estudou dois clássicos da história da educação: Pestalozzi e Froebel. Dois nomes amplamente conhecidos e ao mesmo tempo dois grandes desconhecidos, pois sempre são citados *en passant*, como bem registrou o professor Saviani no prefácio do livro. A hipótese levantada pela autora partiu do fenômeno sempre presente na história da educação que é o da naturalização do social através da naturalização da formação do indivíduo, da infância e do desenvolvimento infantil. A autora procura desvelar e analisar as razões históricas dos pioneiros no processo de descaracterização do papel do professor e da secundarização do ensino, analisando nas obras desses pensadores suas concepções de homem, educação e sociedade, contextualizando-as no universo liberal e burguês do final do século XVIII e início do XIX. Para tal, Arce recorreu a obras desses dois teóricos, a literatura que aborda a sociedade do período e outras de fundamentação teórica marxista, em uma perspectiva histórico-crítica na área da história da educação.

No primeiro capítulo intitulado “A era das revoluções (1789-1848) – o mundo na época de Pestalozzi e Froebel”, a autora historia o período utilizando a literatura de Goethe, Dickens e Schiller, recorrendo à análise de Hobsbawm – o título do livro é emprestado

* Professora de História da rede municipal de ensino de Goiânia, mestra em História pela UFG e doutoranda em História e Filosofia da Educação pela UNICAMP. Bolsista da CNPq. [e-mail: dianevaldez@terra.com.br]

da obra desse autor – para explicar o ambiente de privações e pobreza desse período marcado pela Revolução Francesa, Revolução Industrial, guerras napoleônicas e outros fatos que representaram o triunfo da indústria capitalista e da sociedade burguesa liberal. Discorre sobre o mundo agrícola, a pouca mobilidade, a precariedade de circulação de informação e as relações entre cidade e campo nada tranqüilas dos que cultivavam produzindo riqueza e os que a acumulavam. Destaca a classe que ascendia, a dos comerciantes, manufactureiros e intelectuais, os quais acreditavam no progresso e na racionalidade científica e econômica e no ideal liberal do indivíduo que faz seu próprio destino.

Arce analisa os primórdios da Revolução Industrial, a configuração econômica e política da Inglaterra, o processo de expropriação e expulsão dos homens do campo e o período caracterizado por Marx como “acumulação primitiva”. Ressalta o trabalho desumano das fábricas, a disciplina imposta, o uso da mão-de-obra feminina e infantil, a rotina de exploração e as péssimas condições de vida dos trabalhadores. Ao analisar a Revolução Francesa, ressalta o longo e complexo processo desse fato ecumênico e radical que vai fornecer ao mundo as principais categorias do modelo liberal burguês, dentro do qual a educação passou a desempenhar um papel muito importante, pois ela seria o único instrumento capaz de formar o cidadão para o novo regime. Após as revoluções, abre-se então a carreira para o talento, e a educação passa a significar o triunfo dos méritos. Isso era exemplificado com o mito de Napoleão, um homem comum que chegou ao poder utilizando seu talento pessoal, individualizando-se o fracasso e o sucesso, intensificando o desprezo da classe dominante pela massa de trabalhadores que não conseguia chegar à classe média por falta de inteligência e empenho, pois as portas estavam abertas para todos.

Destaca ainda as revoluções que aconteceram entre 1815 e 1834, período que marca o aparecimento da classe operária como força política, os levantes populares e a ameaça dos comunistas que rondavam a vida da burguesia, e a religião que volta no auge da Revolução Industrial, exercendo um papel fundamental ao adequar os preceitos religiosos aos ideais capitalistas. A autora focaliza o protestantismo, pois Froebel e Pestalozzi eram protestantes e pensavam a

partir dessa doutrina. A idéia do trabalho como um antídoto contra o mal e a preguiça e a realização da vocação no interior de cada indivíduo para a riqueza individual dada por Deus auxiliaram na acumulação do capital. Após contextualizar o período, a autora centra nos dois personagens, suas vidas e obras no interior da “era das revoluções”.

Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em Zurich e foi criado no meio de muitas dificuldades econômicas. Desde criança, era atento à pobreza que rondava seu povo, agindo sempre de maneira cristã. Abre no campo uma escola de instrução para o trabalho, treinamento mental e moral para os pobres. Sua obra *Leonardo e Gertrudes* (1781) é analisada pela autora, por revelar muito sobre a época e o pensamento de Pestalozzi. Seu trabalho com crianças pobres ocorria em uma escola onde o convívio era baseado no amor e no bom exemplo, as decisões eram tomadas com as crianças e o conhecimento intelectual tinha de ser baseado nas experiências cotidianas, além de recorrer às brincadeiras e investigações. Pestalozzi reforçava a idéia de salvar o homem da corrupção através do amor. Publica livros e desenvolve métodos de alfabetização, critica a exploração do povo, porém pregava a caridade cristã e não contestava a desigualdade social.

Friedrich Froebel nasceu na Alemanha em 1782. Froebel incorpora em sua pedagogia a natureza como obra perfeita de Deus, a unidade dos contrários e a harmonia das formas com crianças que concretizam nos chamados “dons”. Para ele, a natureza é objetiva, real e permanente, possui uma unidade que é Deus, não desvincula homem da natureza cuja essência é espiritual, teológica – os dons vêm daí – e, como um símbolo, a natureza deve ser reconhecida como um poderoso instrumento educacional e pedagógico. Distante do mundo acadêmico, Froebel inaugura sua escola em uma fazenda, longe dos grandes centros, mantendo-se alheio às discussões sociais e econômicas do período, ao contrário de Pestalozzi, de quem Froebel, apesar das diferenças, incorporou vários princípios, entre eles, a percepção como ponto de partida para a educação da primeira infância, e a importância do papel da mulher como educadora nata nesse processo, além do princípio da auto-atividade livre, o que fundamenta mais tarde os pilares do movimento escolanovista: o professor trabalhando baseado nos conhecimentos prévios dos alunos.

No segundo capítulo, “Infância, maternidade e família: integração das idéias de Pestalozzi e Froebel à ideologia burguesa de sua época”, a autora destaca como os dois autores trataram as personagens centrais da família burguesa da época: a mãe e a criança. Ressalta o papel da mãe, a educação das crianças pequenas, a alienação da vida pública e a separação do mundo infantil da do adulto, que antes não existia. O protestantismo divulga a imagem do lar como continuidade da igreja, um lugar para instruir as crianças para uma vida cristã, um centro de luta pela moral. A infância no século XIX passa a ser um assunto feminino e foi cultuada como o melhor período da vida humana. Aqui, Arce recorre a Goethe que faz uma crítica ao modelo burguês de família e ao papel da mulher nesse espaço.

A autora lembra que, para Pestalozzi, a escola deve ser uma continuidade do lar. Ele critica os castigos físicos e ressalta o papel primordial da família na educação das crianças dentro do modelo cristão e tendo a mãe como guia, pois a princípio a criança é um ser frágil e dominado pelos instintos animais, por isso a mãe deve estar atenta, sendo firme e amorosa para que a criança não desenvolva comportamentos que irão contra sua natureza boa e generosa. Para Arce, a desvalorização e a dificuldade de profissionalização que lidamos hoje na educação pode ser parcialmente consequência dessa mistura de figuras e âmbitos idealizados para a educação.

Froebel também elegerá a família cristã, tendo a mãe como seu alicerce e a criança como centro e razão da existência de ambos. Porém nota-se a ausência da preocupação com a população pobre de Pestalozzi. Esse educador alemão focaliza suas obras em sujeitos abstratos, considerando a harmonia com Deus a unidade de tudo. Arce reforça a diferença entre as duas pedagogias. Froebel concebia o processo educativo como responsável por reconduzir o ser humano à unidade com Deus e com a natureza, desenvolvendo os dons que o Criador pôs nos seres humanos, já para Pestalozzi, ainda que suas formulações estejam mais próximas das classes pobres, o processo de mudança das condições humanas é de inteira responsabilidade da educação. Em ambos se faz presente uma abordagem individualizante própria da concepção liberal burguesa.

Para Froebel, o ambiente familiar deve estar conectado sempre com o divino, e a mãe é primordial para estimular através do amor o desenvolvimento interno da criança, de acordo com os desígnios divinos. Aqui, a criança torna-se, mais que em Pestalozzi, o reduto de toda a pureza e esperança de um futuro mais humano. A idealização e a romantização da infância atingem um ponto elevado na pedagogia froebeliana, que compara o desenvolvimento infantil com o das plantas e elege a brincadeira como a principal linguagem da criança pequena. A criança é uma verdadeira benção divina, e assim como a natureza transforma a semente em flor, a criança pequena é uma semente que contém toda a essência espiritual do homem. Diferente de Pestalozzi, não se tratava de despertar nada e sim deixar livre em ambiente familiar adequado para a semente tornar-se flor e fruto do divino.

Nos discursos de Pestalozzi e Froebel, mãe, criança e família tornam-se abstratas e idealizadas, distantes do ambiente social, econômico e político em que estão inseridas. O público passa a ser algo pesado e perigoso, a família deve ser poupada e guardada. Ser mãe é algo natural, e os atributos angelicais que coroam as mulheres e as crianças naturalizam-se. A culpa pelo fracasso e pela glória é depositada no indivíduo e na constituição de sua família nuclear. Assim se explica o sucesso de uns e o fracasso de outros. Os dois teóricos procuram mostrar o caminho para o sucesso dentro desse modelo.

No terceiro capítulo, “A educação do homem – a pedagogia liberal e não-crítica de Pestalozzi e Froebel”, Arce dedica-se a expor a concepção de homem, Deus e natureza, segundo a ética desses autores. Para eles, o homem foi criado por Deus que também criou a natureza. A divindade é a medida do homem que deverá seguir leis predeterminadas e eternas em busca da perfeição e do reconhecimento de sua filiação divina. Pestalozzi acreditava que o homem, através do amor, pode ser treinado para tornar-se cada vez mais humano, e a grande vitória que o homem pode ter é a vitória sobre ele mesmo, pois o bem sempre pode vencer se estivermos dispostos a olhar para nosso interior e modificá-lo. A moral reside no respeito à nossa natureza, no conhecimento, na prática e no desejo de Deus. Verdade, amor, paciência, modéstia são predicados que devem seguir o homem, mas o maior de todos deve ser a gratidão, e a Natureza

Divina presente em todo o ser humano é a maior de todas as criações de Deus.

A visão de Froebel é semelhante: Deus é o princípio de tudo, e o homem deve buscar harmonizar-se com sua divindade e com outras criações divinas. Para ele, a lei eterna e divina guia o desenvolvimento de todos os seres da Terra, daí a comparação do desenvolvimento da criança com o das sementes. Froebel e Pestalozzi faziam parte do Romantismo, razão da ênfase na harmonização do homem com a natureza. Ao estabelecerem que a igualdade dos homens reside na sua essência divina, ambos retiram a historicidade do ser humano, tornando-o um ser abstrato. Nessa visão de mundo, a vida do indivíduo é vista como algo espontâneo e natural. Daí por que os homens não precisam lutar por uma sociedade mais justa – basta deixarem-se guiar pelo amor para viverem em plenitude.

Sobre os princípios educacionais dos autores, Arce aborda primeiramente os de Pestalozzi, que divide a infância em primeira infância e idade escolar. Defende que os sentidos da criança são importantíssimos para sua aprendizagem, porém deve-se graduar as exigências para as crianças, respeitar seu desenvolvimento natural, ou seja, fornecer o que for necessário para o seu desenvolvimento em conformidade com a natureza. Pestalozzi não exime a função do professor, que deve seguir o desenvolvimento do aluno, ajudando-o, jamais se colocando como obstáculo. A ação educativa para ele deve ser a mesma da natureza. É preciso retirar a sabedoria e a metodologia necessária para educar o lado animal humano, um desenvolvimento natural que vai se formando aos poucos, do mais simples para o mais complexo. O centro de todo esse processo educativo é a criança, um ser em desenvolvimento. Pestalozzi cria a metodologia do *ABC da intuição*, uma forma de ensinar a criança a adquirir a escrita adequada ao seu desenvolvimento natural, acrescentando ao ensino da leitura o desenho, a primeira representação que a criança faz do mundo. Desse modo, consolida o princípio de que a criança passa de noções confusas para noções claras, partindo sempre de coisas com as quais vive. O autor afirma que a origem dos nossos conhecimentos e de tudo que existe na natureza encontra-se na seguinte tríade: número, forma e palavra. Isso orienta a proposta educacional de Pestalozzi, daí o nome

ABC da intuição, que congrega seu método de orientação da criança no processo de conhecer a si, ao mundo e de descobrir através dos sentidos. As intuições devem conduzir a educação, pois permitiria superar a mera transmissão de definições que não levam ao verdadeiro saber, superando o ensino livresco e até abandonando os livros em troca do conhecimento adquirido da natureza. A outra metodologia de trabalho de Pestalozzi são as *idéias-guias*. Instigado por uma geração de problemas, o aluno deve resolvê-los através de sua ação investigativa, dentro de seus limites psicológicos.

Para Arce, Pestalozzi buscava com isso não um simples atuar na realidade e sim o desenvolvimento da satisfação íntima do homem. O autor cria um *ABC de atitudes* para fazer a criança passar do estado animal para o estado de quem compreende e pratica a virtude, sendo moralmente imaculada. Com o *ABC da intuição* e o *ABC das atitudes*, Pestalozzi acreditava estar proporcionando o último objetivo de sua metodologia: criar indivíduos que vivessem em perfeita harmonia com Deus, com a natureza e com os seres humanos: humildes, trabalhadores – uma moral inabalável.

O ideal da educação de Froebel é o de que a escola deve primar para que a criança – semente de Deus na Terra – tenha uma vida pura e santa capaz de glorificar o Criador, enaltecendo-o com sua vida. A unidade vital “Homem, Deus e natureza” e o processo de exteriorização e interiorização – algo natural que o educador deveria estar atento – norteariam qualquer metodologia utilizada com as crianças. Agir pensando e pensar agindo era para Froebel o melhor método para evitar prejuízo ao talento dos alunos. O aprender fazendo respeita a metodologia natural das crianças, enquanto todo o esforço dos educadores deve estar voltado para o desenvolvimento livre e espontâneo do indivíduo criado por Deus. A função do educador é a de respeitar a natureza, a ação de Deus é a manifestação espontânea do educando.

Froebel é pioneiro na utilização da psicologia do desenvolvimento como fundamento da educação através dos estágios identificados como primeira infância, infância e idade escolar. O trabalho com a brincadeira e a fala são importantíssimos para uma educação eficiente. Para ele, a escola tinha de estar relacionada com a vida, enquanto o

conhecimento deveria ter origem em algo que as crianças conhecessem e a partir do qual pudessem agir, manuseando, cantando, desenhando, modelando etc. Ao adulto cabe apenas satisfazer ou incentivar a curiosidade natural da criança. Assim, ouvir o conhecimento da criança é o principal requisito para o sucesso da educação. Centrava sua mensagem para as educadoras mulheres, possuidoras da capacidade biológica da maternidade para educar com liberdade e amor, respeitando o desenvolvimento natural da criança.

Froebel elege o jogo que, junto com os brinquedos e com a liberdade, mediaria o autoconhecimento. Nesse aspecto, foi pioneiro em reconhecer o jogo e as brincadeiras como forma de expressão da primeira infância. Para ele, o jogo e a brincadeira auxiliam meninos e meninas a exercerem desde cedo o papel que lhes cabe na sociedade. Cria materiais educativos, ferramentas para ajudar a criança a descobrir seus próprios “dons”, os presentes que Deus teria dado a cada uma delas. Esses “dons” possibilitariam os movimentos de interiorização e exteriorização de conhecimento pela criança. Na obra *Pedagogia dos jardins-de-infância*, Froebel detalha os seis primeiros “dons” que trabalham com o concreto e os quatro últimos voltados mais para o abstrato. O nome *kindergarten*, ou o “jardim das crianças”, conseguiu unir idéias e princípios em uma instituição na qual esses preceitos iriam ser aplicados em toda sua plenitude. Um recanto que deveria ser entregue às mulheres, únicas na arte de cultivar nas criancinhas todo seu talento e germes da perfeição humana unida em Deus.

Para Arce, apesar do papel de vanguarda que as teorias de ambos trazem, encontra-se nela uma pedagogia da resignação, não-crítica e anti-escolar, sendo divulgada principalmente para as classes populares, reproduzindo a ideologia de adequação do povo ao seu cotidiano na visão religiosa, combatendo a desordem e garantindo, com a formação de uma nova geração, a paz social. A autora conclui que a pedagogia de Pestalozzi e Froebel procura adequar os indivíduos ao modo de produção capitalista, que começa a se consolidar. Com a ajuda do protestantismo, individualizaram as questões de ordem moral e a própria educação, que passa a exercer um papel ideológico, impedindo o indivíduo de se apropriar dos conhecimentos produzidos

pela humanidade, referendando as desigualdades sociais presentes na época.

Para a autora, são explícitos os germes do movimento escolanovista expressos nos princípios educacionais de ambos: a criança como centro do processo educacional, a preservação da espontaneidade, atividades centradas no interesse e na necessidade da criança, respeito ao ritmo natural, educação ativa, cultivo da disciplina interior, desenvolvimento de habilidades e capacidade da criança com ajuda do trabalho, do amor e da alegria. Arce lembra ainda que não se pode desconsiderar as importantes descobertas para a época, como o papel da brincadeira, a inutilidade dos castigos físicos, a discussão dos professores sobre o trabalho, o desenvolvimento infantil e outros. É clara ao afirmar o avanço em função da possibilidade de um conhecimento que não esteja preso a revelações e a verdades absolutas, porém registra o retrocesso, quando, em vez de se utilizar os conhecimentos científicos produzidos na época, opera-se um esvaziamento destes, cria-se uma espécie de ojeriza a toda forma de cultura mais elevada, além do forte discurso moralizante de obediência aos desígnios divinos.

Outro dado concluído é o início da descaracterização da profissão do professor, na qual sua tarefa apresenta-se cada vez menos como uma tarefa intelectual e mais se aproxima da maternidade mistificada, em que o conhecimento científico perde seu valor, pois este pode ter o mesmo nível de conhecimento que seus alunos e pode ser até inferior. A educação começa com esses autores a ser regida pelas regras que povoam o âmbito privado/doméstico. Em vez da razão e da ciência é o sentimento de subjetivismo e de irracionalismo que é desenvolvido. Conclui ainda que o espírito dessa pedagogia, em especial a de Froebel, influenciou a produção ocidental no terreno da educação, em especial a educação infantil, que nasceu sob a égide da alienação da sociedade burguesa, uma proposta de adaptar o indivíduo, desde a mais tenra idade, à vida da sociedade capitalista.